

DISCUSSÕES SOBRE A ADOLESCÊNCIA ENTRE OS PRIMEIROS ESTUDIOSOS DA TEMÁTICA

DISCUSSIONS ABOUT ADOLESCENCE AMONG THE FIRST SCHOLARS ON THE SUBJECT

Robson Aparecido da Costa Silva¹

RESUMO

Esse artigo tece breves discussões históricas acerca da adolescência a partir dos primeiros estudiosos que se debruçaram na temática, dando ênfase ao processo de construção desse fenômeno nas sociedades ocidentais enquanto uma fase transitória entre a infância e a idade adulta, ao mesmo tempo em que se expõem visões de outras culturas, como o Nepal e índios Apaches da América do Norte. Trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter descritivo-exploratório sobre o tema, tendo como base de análise, categorias que expressam elementos biopsicossociais e os estudiosos que se debruçaram a respeito da temática em questão. Conclui-se, portanto, que as discussões sobre os fenômenos adolescentes são fontes importantes para entender os desdobramentos conceituais dessa fase do desenvolvimento humano ao decorrer dos tempos e refletir acerca das implicações biopsicossociais de tais.

Palavras-chave: Adolescência. Mudanças biopsicossociais. Conceituações teóricas.

ABSTRACT

This article weaves brief historical discussions about adolescence from the first scholars who focused on the theme, emphasizing the process of construction of this phenomenon in western societies as a transitory phase between childhood and adulthood, at the same time that they expose themselves views of other cultures such as Nepalese and North American Apache Indians. This is a descriptive-exploratory bibliographic review on the subject, based on the analysis of categories that express biopsychosocial elements and the scholars who have focused on the subject in question. It is concluded, therefore, that discussions about adolescent phenomena are important sources to understand the conceptual unfolding of this phase of human development over time and to reflect on the biopsychosocial implications of such.

Keywords: Adolescence. Biopsychosocial changes. Theoretical concepts.

Data de recebimento: 13/02/2022.

Aceito para publicação: 10/05/2022.

1 A ADOLESCÊNCIA

Nas sociedades ocidentais tem-se que a Revolução Industrial foi um marco importante para a criação de novas fases do desenvolvimento econômico, político, social e educacional entre os estados-nações; na qual, novas ideias vão surgindo, de acordo com as necessidades vigentes assim como as agendas estabelecidas mundialmente entre os países, e que passam a inferir seja de modo direto ou indireto em tais. Inclusive, acarretando a produção e o estabelecimento de uma nova ordem mundial industrializada e capitalista que transformam as relações familiares, onde, tanto os pais quanto os filhos passam a vender sua força de trabalho ao mercado para sobreviver. Por outro lado, as vivências e configurações familiares também são afetadas por esse fenômeno, uma vez que as crianças e jovens passam a ser vistos como a primeira fase de um adulto, necessitando assim, serem escolarizados para retroalimentar o ciclo da nova ordem do capital, instaurada pelas lógicas do mercado de trabalho.

¹ Mestrando em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas (IP-UFAL). Colaborador da Comissão de Direitos Humanos do Conselho Regional de Psicologia de Pernambuco (CDH CRPPE, desde 2021), integrante do DADÁ: Grupo de Pesquisa em Relações de Gênero, Sexualidade e Saúde da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UFRPE/UASt, desde 2017) e do EDIS: Grupo de Estudos em Diversidades e Política da Universidade Federal de Alagoas (UFAL, desde 2020). E-mail: robsoncostapsic@gmail.com.

É justamente nesse período que surge o entendimento da criação de uma nova fase para o desenvolvimento humano: A adolescência; A qual, por sua vez, se caracteriza enquanto um ponto de transição entre a infância e a vida adulta, perpassada por inúmeras mudanças biopsicossociais, podendo-se observar, ao longo dos séculos XX e XXI, aquilo que se convencionou chamar de “cultura adolescente”, tal como discorrem Cool; Marchisi e Palácios (2008). E, que no Brasil, corresponde a um recorte etário de 12 aos 20 anos de idade, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 2002).

Antes disso, ou seja, no século XX, as culturas ocidentais tinham como marcadores entre a infância e a formação do ser adulto, apenas o amadurecimento físico e os aprendizados vocacionais (PAPALIA, *et al.* 2006). Não obstante, em algumas sociedades encontrava-se e ainda se encontra a presença de mecanismos transicionais, denominados de rituais de passagem. Esses rituais, em conformidade com Domingues e Domingues (s/d), têm como experiências, distintas linhas e levam em consideração as condições sócio-históricas e étnicas de uma dada comunidade.

Mesmo nos dias atuais, cumpre salientar, que diversos povos mantêm tradições muito diferentes do que se propagou no decorrer dos anos dentro das sociedades ocidentais, pós-Revolução Industrial. É o caso, por exemplo, dos índios Apaches da América do Norte, que realizam os rituais de passagem das meninas de suas tribos em ritmo de festividades durante quatro dias do crepúsculo ao pôr-do-sol. Esse evento festivo está relacionando à maturação sexual feminina, que é confirmada com a primeira menstruação das jovens índias (PAPALIA, *et al.* 2006).

Ainda de acordo com o pensamento dessas autoras, em algumas regiões da África, América Central e Sudeste Asiático, o ingresso na vida adulta é marcado por cirurgias que modificam a genitália feminina. Essa ocorrência tem por finalidade: resguarda a virgindade, diminuir os anseios sexuais e aumentar a fertilidade das meninas de acordo com as crenças culturais dessas comunidades.

Evidentemente, são realidades que não estão caracterizadas com o que preconiza as sociedades culturais com traços na Europa Ocidental, onde tais rituais são ignorados. Trata-se, contudo, de realidades culturais, muitas vezes milenares e que, para aquelas culturas, não é considerado fato estranho.

Em outras regiões asiáticas, como no Nepal, constata-se a troca de vestimentas curtas para roupas mais longas que cobrem os tornozelos; além de provas de resistência física e cerimonial religioso. Em outras sociedades, os ritos de passagem ganham expressividade através dos corpos, marcando-os com sinais e símbolos, como é o caso dos jovens judeus que, através de cerimoniais religiosos, retificam sua religiosidade e adentram a cultura adulta (DOMINGUES; DOMINGUES, [n, d]).

Nas sociedades modernas do ocidente, como testifica Papalia *et al.* (2006. p. 440) “a passagem de idade geralmente é menos abrupta e menos claramente marcada”. Ou seja, existe uma grande gama de fatores corroborando para a saída da infância, entrada na adolescência e o alcance do status adulto. A adolescência nas sociedades ocidentais começa junto com a puberdade, que é “processo que conduz à maturidade sexual ou fertilidade, ou seja, a capacidade de reprodução” (*op. cit.*).

Além deste fator, outros que também apontam ou apontaram a demarcação deste território adolescente foram a criação do conceito de “escolaridade obrigatória” nos países ocidentais; as mudanças psicossociais que modificam os cenários das sociedades ao longo das décadas; e que estão intrinsecamente correlacionadas, como a consolidação da identidade, o aprimoramento de elementos da personalidade e processo de socialização dos adolescentes.

Nas palavras de Coll, Marchesi e Palacios (2008), tudo isso é visto enquanto fatores pertinentes para demarcação e consolidação desta fase do desenvolvimento humano. Esses teóricos ainda acrescentam evidências, afirmando que:

A adolescência, por sua vez, é um fato psicossociológico não necessariamente universal e que necessariamente adota em todas as culturas o mesmo padrão de características que adota a nossa, em que também houve uma importante variação histórica que, ao longo dos séculos, foi configurando a adolescência que conhecemos (p. 310).

Destarte, essa etapa transicional é um período de grandes transformações biopsicossociais, de modificações emocionais, afetivas, comportamentais e subjetivas concedendo ao adolescente uma preparação para o mundo adulto e alternativas de forma a consolidar todos os processos necessários para o alcance do status adulto, que é uma tarefa árdua, contudo, necessária aos adolescentes.

Um dos primeiros pesquisadores a explicitar cientificamente a performance sobre a adolescência foi Granville Stanley Hall em 1904 ao publicar a obra *“Adolescence”*. Em conformidade com Muuss (1976), Hall abordava em sua literatura a ocorrência de um processo transformativo da personalidade decorrente dos processos biológicos, a exemplo da maturação sexual e início da puberdade, que caracterizava um comportamento cheio de “tempestades e tormento” por parte dos adolescentes. Para Coll, Marchesi e Palacios (2008) Hall, vislumbrava a adolescência como, “um momento crítico no desenvolvimento humano por corresponder ao momento da evolução da espécie humana que supunha a passagem da selvageria para o mundo civilizado” (p. 311).

Para Sigmund Freud (1995/1996), a adolescência é um período caracterizado pelo término do estado de latência e início da fase genital. Durante esse novo estágio, ocorreria a maturação sexual, retorno aos conflitos edipianos e transformações corporais, isto é, o complexo de Édipo ressurgiria e o adolescente se afasta emocionalmente dos pais, procurando se integrar em uma cultura de iguais, que será fundamental para a escolha do objeto de desejo sexual. Tendo em vista que, a energia libidinal que antes era voltada para o próprio corpo (narcisismo primário), agora apresenta outras formas de satisfação no mundo externo. Para ele a construção da identidade sexual do adolescente estaria totalmente correlacionada à resolução deste complexo edipiano. Se o menino continuasse a manter sua energia libidinal na mãe e o pai não realizasse o processo de castração do filho, esse menino iria possuir alguns desvios comportamentais em sua sexualidade (Freud 1924/ 1996).

Ana Freud (1982), dissociou seu pensamento dessa ótica em relação ao de Freud. Ela julgava que a adolescência era responsável por muitos desajustes emocionais e psicológicos nos adultos. Além disso, a autora expunha em sua literatura que os mecanismos de “defesa do eu”, tornam-se insuficientes, e sendo assim, se torna necessária presença de novos mecanismos para que o adolescente possa lidar com suas frustrações e angústias.

Por outro lado, Aberastury e Knobel, (1981) em uma das suas obras mais emblemáticas denotam um prisma sobre a adolescência, como um estágio de “desequilíbrios e instabilidades extremas [...] que é perturbada e perturbadora para o mundo adulto, mas necessária, absolutamente necessária, para o adolescente” (p. 8). Logo, conforme esses teóricos, é nesse período dinâmico de inconstâncias que a adolescência é caracterizada. Os autores ainda amplificam essa idealização ao circunscrever que,

Tanto as modificações corporais incontáveis como os imperativos do mundo externo, que exigem do adolescente novas pautas de convivência, são vividos no começo como uma invasão. Isto o leva a reter, como defesa, muitas de suas conquistas infantis, ainda que também coexista o prazer e a ânsia de alcançar um novo status. Também o conduz a um refúgio em seu mundo interno para poder relacionar-se com seu passado e, a partir daí, enfrentar o futuro. Estas mudanças, nas quais perde a sua identidade de criança, implicam a busca de uma nova

identidade, que vai se construindo num plano consciente e inconsciente, o adolescente não quer ser como determinados adultos, mas em troca, escolhe outros como ideais; vai se modificando lentamente e nenhuma precipitação interna ou externa favorece este trabalho (ABERASTURY e KNOBEL, 1981. p. 08).

Nesse sentido, nessas novas configurações incertas, os adolescentes precisam lidar com o luto da perda da identidade infantil de si mesmo, assim como seus pais. É neste período que as recém-adquiridas concepções ideológicas precisam ser resinificadas (ABERASTURY, KNOBEL, 1981).

Já Erik Erikson (1976), percebe a importância das interações sociais e culturais como aspectos primordiais para a compreensão da adolescência; mesmo sendo ele teórico de orientação psicanalítica. Ele define a adolescência como um período do desenvolvimento psicossocial humano, onde o adolescente perpassa pela “crise de adoção da identidade” e quanto essa crise não é resolvida satisfatoriamente, ocorre a “difusão da identidade”. O teórico ainda expressa que a adolescência é um período de transição concedido pela sociedade em preparação para a vida adulta; ou seja, como ele mesmo denominou de “moratória social”.

Para Papalia *et al* (2006) a adolescência é “uma época de oportunidades e de riscos. Os adolescentes estão no limiar do amor, da vida profissional e da participação na sociedade adulta” (p. 476). Ou seja, é um período que compreende dos 11, 12 anos até pouco mais de 20, que envolve modificações cognitivas, físicas e psicossociais que estão inter-relacionadas.

Por fim, segundo, Alencar, *et al.* (2008), a fase da adolescência é repleta de mudanças anatômicas, sociais, psicológicas e fisiológicas. Esses teóricos ainda acrescentam ao exposto afirmando que “as mudanças no comportamento dos adolescentes em relação à sexualidade exigem atenção cuidadosa por parte dos pais e profissionais, devido às repercussões que incluem as vulnerabilidades relacionadas à saúde reprodutiva” (p. 160).

2 AS MUDANÇAS BIOPSIKOSSOCIAIS DA ADOLESCÊNCIA

As principais mudanças biológicas, psicológicas e sociais que perpassam o adolescente acontecem de forma integral, correlacional e articulada; ou seja, não existe uma relação de causa e efeito entre os aspectos biopsicossociais, exceto para fins didáticos. Um exemplo claro dessa interação são as constantes modificações corporais, que provocam inquietações nos adolescentes, afetam sua autopercepção e, desencadeiam complicações subjetivas, que angustia e dificulta a inserção em grupos de iguais; e, também, via de regra, inquieta os adultos e a cultura social que o circunscreve.

As mudanças biológicas, por sua vez, estão relacionadas à puberdade. Consoante com o que descreve Papalia *et al.* (2006, p. 442): “Existe uma faixa de aproximadamente sete anos para o início da puberdade tanto em meninos como em meninas. O processo tipicamente leva cerca de quatro anos para ambos os sexos e começa cerca de dois ou três anos mais cedo nas meninas do que nos meninos”.

No que concerne à puberdade, ela é um marcador das primícias da adolescência, ou seja, ela irá provocar algumas alterações corporais, biologicamente falando, que difere entre os gêneros masculino e feminino. Conforme Coll, Marchesi e Palacios (2008), esse processo começa através das atividades hipotalâmicas ao enviar informações para a glândula pituitária, que é chegado o momento de secretar hormônios gonadotrofinas, que serão responsáveis pela maturação das gônadas sexuais. Ou seja, nesse período ocorre a explosão dos hormônios sexuais. *A priori*, os adolescentes obterão amplificações das habilidades de pensamento; amadurecimento das características sexuais primárias e

secundárias, alterações metabólicas, surto de crescimento acelerado e predisposição para reprodução.

A posteriori, surgem mudanças específicas ocorrentes nos meninos em consequência da produção de testosterona; nas meninas o estrogênio e o progesterona. Citando caso análogo, no gênero masculino, biologicamente falando, ocorre o agravamento do timbre vocálico, aumento da oleosidade da pele, alargamento dos ombros, desenvolvimento e crescimento do pênis; além dos pubianos, axilares, e por todo o corpo, como nas pernas e rosto; crescimento da estatura corpórea, ganho de massa muscular e ocorrência da primeira ejaculação. Nas meninas: crescimento das glândulas mamárias, crescimento dos pelos pubianos e axilares, maturação da libido e expressão do desejo sexual, agravamento do timbre vocálico, arredondamento dos quadris, alargamento pélvico, primeira menarca e menstruação.

Essas são algumas das principais características desinentes da produção hormonal. Além das meninas chegarem a uma maturação corpórea primeiro que os meninos Coll, Marchesi e Palacios (2008). Esses mesmos autores ainda inserem ao exposto, ressaltando que, “as mudanças físicas próprias da puberdade irão obrigá-los a revisar a imagem que até então havia construído para incluir os novos traços que começaram a configurar seu novo corpo de adulto” (p. 335). Nesse esculpir da autoimagem corpórea, que repercute os processos de subjetivação estão elaborando autoconceitos e incessantemente provocando alterações psicológicas, sejam elas positivas, negativas ou mútuas.

Assim, uma das primordiais valências, que corroboram para isto, é o desenvolvimento da capacidade de pensamento abstrato e hipotético-dedutivo (FLAVEL, 2001). Deste modo, no que diz respeito aos adolescentes, formularam suas hipóteses com maior vigor para contestar a autoridade daquilo que até então era dito como verdade universal; e, a partir de então, inaugura a fase dos autoconceitos. Essas concepções seriam precursoras do processo de consolidação da personalidade, autoestima e identidade do adolescente.

Adentrando na construção teórica de identidade adolescente como ocorrência psicológica, Papalia *et al.* (2006, p. 478), incorpora três particularidades: “a escolha de uma ocupação, a adoção de valores nos quais acreditar e segundo os quais viver e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória”. Isto é, um longo processo durante toda a fase da adolescência que demanda ajustamento psíquico, equilíbrio emocional, e obtenção de habilidades sociais do mundo adulto.

Erikson (1976), agregando valores teóricos e aludindo ao status de identidade adolescente manifesta a presença de uma crise de identidade, na qual, o adolescente precisa superar os conflitos e alcançar o devido status de individualização. Porém, nem sempre esse processo de conquista da identidade sucede de maneira satisfatória durante o percurso transicional da adolescência. Percebe-se atualmente uma extensão desta consolidação devido a fatores socioculturais e psicológicos (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2008).

Erikson (1976), descreve que a identidade difusa, ou seja, que dificulta a consolidação da identidade adolescente, seria caracterizada pelo não à consecução do status de independência dos pais, a não resolução de conflitos de ordem sexual, dificuldades de posicionamento profissional, interpessoal e pessoal. Além disso, existe ainda a identidade hipotecada, onde o adolescente já adotou um compromisso social, porém não realizou neste processo de escolha, uma experimentação. Esses adolescentes apresentam grandes dificuldades de relacionamentos, ainda são muito apegados com os pais e obedecem a ordens dos mesmos sem questionar – sempre conformistas –, frequentemente caracterizada pelo nível de autoestima baixa. Já a conquista da identidade dá-se quando o adolescente é capaz de escolher conscientemente, embasado em seus

princípios, sua vocação profissional tal como, quando já resolveu seus conflitos sexuais, obteve independência financeira dos pais e atingiu certa maturidade social.

Coll; Marchesi e Palacio (2008), ao se reportarem às constantes transformações sociais vivenciadas pelo adolescente em meio a uma cultura de iguais, nas relações com seus familiares ou na busca de sua autonomia e desenvolvimento de habilidades sociais, dissertam que se torna significativo atinar que as figuras parentais ou responsáveis pelos adolescentes, similamente encontram vivenciado novas fases do desenvolvimento humano, das quais, demandam deles ajustamento psicológico, fisiológico e social aos novos desafios, conflitos e demandas. Assim, deve-se considerar que, tanto o adolescente, quanto seus pais podem desencadear conflitos mútuos.

Oliva (2008, p. 354), no que diz respeito à supervisão e controle dos adolescentes como uma possibilidade de intermediação entre os conflitos de pais e filhos, afirma que,

O controle é a supervisão do adolescente são fundamentais durante essa etapa evolutiva, pois muitos dos problemas de conduta que surgem durante a adolescência estão relacionados como o escasso controle parental; por isso, conhecer quem são os amigos de seus filhos ou interessar-se por suas atividades deve transformar em algo prioritário para os pais (OLIVA, 2008 p. 354).

A incumbência de supervisionar os adolescentes pelas figuras parentais ou responsáveis legais foi realizada mantendo sempre vias de diálogos, como posturas flexíveis e sensibilidade às mudanças, ao invés de exercer um posicionamento de autoritarismo, caracterizado por comportamentos superprotetivos e controle desmedido para com os adolescentes. Essa atividade de superintendência poderia colaborar para a construção da identidade do adolescente, sua autonomia e construções ideológicas (*Idem*). Pois, posturas de autoridade, serão facilmente questionadas pelos adolescentes devido a suas novas habilidades cognitivas que possibilitaram uma forma mais elaborada de pensamento na qual Piaget (1975), denominou de pensamento Abstrato e hipotético-dedutivo.

Por isto, os adolescentes constroem/construíam argumentos mais sólidos e coerentes, que chegam a desafiar a autoridade dos pais. Quem nunca presenciou as famosas frases de efeito, quando a argumentação deles (responsáveis pelo adolescente) se torna insuficiente perante a lógica argumentativa dos filhos, tais como: “Enquanto você tiver sobre este teto quem manda aqui sou eu”; “não vai, e pronto!”; “você não tem querer”; “nem adianta chorar”; “pode ir para seu quarto”, etc.

Em razão de tais restrições, Oliva (2008, p. 352) afirma que “é bem possível que ocorra um deterioramento importante nas relações familiares que tenha um impacto negativo sobre o desenvolvimento e o comportamento dos adolescentes”. Tendo em vista isto, podemos refletir que os pais, ao invés de proteger seus filhos, podem estar privando-os da interação social entre a cultura de iguais, o que impacta diretamente no processo de individualização dos adolescentes e conduz esses a um possível vazio existencial, que pode provocar alterações subjetivas e desencadear comportamentos ansiogênicos e depressivos, problemas de baixo autoestima, entre outros.

Ao explicitar ideias sobre a cultura de iguais, Oliva (2008), afirma que, “as turmas apresentam uma grande variedade, diferenciando-se entre si, nos estilos de vida de seus componentes – sua forma de se vestir, suas preferências musicais, sua atitude diante do sexo, do álcool ou das drogas” (p. 361).

O teórico ainda acrescenta manifestando que é normal esperar dos adolescentes comportamentos cada vez mais independentes. Isto se torna condição, *sine qua non*, para a consolidação e estruturação do processo de autonomia do adolescente em meio à sociedade. Ele circunscreve que:

Essa autonomia afetiva é necessária para que o processo de individuação ocorra, ainda que, em um primeiro momento, a separação afetiva dos pais possa deixar o adolescente em uma situação de vulnerabilidade e vazio emocional que o levará a uma excessiva dependência do grupo de iguais para preencher o vazio. (OLIVA, 2008 p. 353).

E ainda acrescenta ao exposto, afirmando que,

Um meio ótimo para desenvolvimento da autonomia do adolescente é aquele em que as relações dos pais como os filhos combinam o afeto com favorecimento da individualidade, mediante condutas que estimulam a autonomia cognitiva e a iniciativa própria, como por exemplo, favorecendo a discursão, a troca de ponto de vista entre pais e filhos e a adoção de opiniões próprias por parte destes últimos. (OLIVA, 2008 p. 354).

Dessa maneira, a consolidação da autonomia por parte do adolescente, ocupa um lugar estratégico como elemento socializador. Tendo em vista que os adolescentes inseridos em uma cultura de iguais, sejam compostos por membros de ambas os gêneros ou não, partilharam de sentimentos, angústias e frustrações que até então não eram exteriorizados nos ambientes familiares.

Essa relação de iguais proporciona apoio instrumental para a resolução de determinados problemas práticos, assim, como informações sobre diferentes temas como relações pessoais, sexualidade ou assuntos acadêmicos (OLIVA, 2008). Ou seja, é um indicador de ajustamentos psicológicos e construção de habilidade interpessoal e pessoal. Essa relação entre adolescentes começa muito cedo: algumas se iniciam na infância, e intensificam-se durante a adolescência, outras diminuem ou iniciam com a chegada do desenvolvimento aqui abordado.

O grupo de amigos, que, na maioria das vezes, começa por componentes no mesmo gênero (de acordo com a classificação biológica), vai evoluindo do decorrer das interações sociais entre outros grupos e, em uma adolescência mais tardia, começa as primeiras relações sexuais entre adolescentes cisgênero e gênero divergente. Isso vai depender do desejo, da subjetividade e dos processos históricos de cada adolescente em meio à cultura que ele se encontra, e de como essa dada cultura construiu essas conceituações, crenças e ideologias ou verdades universais, circunscritas no senso comum e facilmente reproduzidas, sobre a sexualidade.

Nota-se que, desde as modificações corporais da puberdade, que passaram pelas construções da identidade, estruturação da personalidade, a sexualidade sempre esteve presente. Contudo a partir de agora, o social passa a se voltar atentamente para essa sexualidade do adolescente, de forma a tentar instaurar as normatizações sobre os corpos. Vale salientar, que esse processo não começa na adolescência, mas, que é nesse período do desenvolvimento que os adolescentes passam a enfrentá-lo de modo mais complexo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as diversas discussões teóricas ou embates teóricos sobre o fenômeno da adolescência pelos seus primeiros estudiosos se constituem fontes importantíssimas para a circunscrição de novas configurações holísticas de compressão do adolescente. Esse episódio transicional e sociocultural é, sem sombra de dúvidas, tão intrigante que, ao longo dos tempos, inquietou teóricos e despertou em tais muita curiosidade. Além disso, ainda continua um tema de pesquisa atual e, por conseguinte, repleto de desdobramentos que acompanham as mudanças sociais, políticas, históricas e econômicas.

Já com relação às mudanças biopsicossociais, estas por sua vez, muito corroboram para a compreensão dos comportamentos, atitudes e traços de personalidades dos adolescentes, contudo não se pode perder de vista as particularidades territoriais, culturais e históricas do contexto onde esses adolescentes estejam inseridos e das interferências que se produzem ou resultam de tais questões.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

ALENCAR, Rúbia de Alencar; FÁBIO, Lucía Silva; SILVA, Arlindo; DINIZ, Renato Eugênio da Silva. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. **Ciência & Educação (bauru)**, [s.l.], v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-73132008000100011>.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>> acesso 20 abr 2021.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús. (Orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia evolutiva**. Trad. Daisy Vaz de Moraes. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DOMINGUES, M. R. C.; DOMINGUES, T. L. C. **Adolescência mudança e definição**. [S/D]. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/encontro2007/trabalho/aceitos/CC21882553802.pdf>>. Acesso 20 abri de 2021.

ERIKSON, Erick. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

FLAVELL, John. **A psicologia do desenvolvimento de Jean Piaget**. Trad. Maria Helena Souza Patto. 1ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

FREUD, Ana. **O ego e os mecanismos de defesa**. 6ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade**. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, 1905/1996).

FREUD, Sigmund. **A dissolução do complexo de Édipo**. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 189-199). Rio de Janeiro: Imago, 1924/ 1996.

MUUSS, Rolf. **Teorias da adolescência**. Belo Horizonte. Interlivros, 1976.

OLIVA, Alfredo. **Desenvolvimento da personalidade durante a adolescência**. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús. (Orgs.). **Desenvolvimento**

psicológico e educação: psicologia evolutiva. Trad. Daisy Vaz de Moraes. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PAPALIA, Diane; FRELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**: problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro: Zahar, [1975], 1976.